

ALTERNATIVA É DESCENTRALIZAR

A adoção de um modelo polinuclear (cidades criadas em torno do Distrito Federal, mas dependentes das atividades econômicas centralizadas no Plano Piloto) demonstra o quadro urbano que emergiu para Brasília: uma cidade com um núcleo central - o Plano Piloto - e células espacialmente dispersas, basicamente núcleos-dormitórios, que, na ótica administrativa, foram denominadas cidades-satélites. Da distância desses núcleos recaem seus altos custos nas populações periféricas - deslocamento para o trabalho e para obter bens de serviços. Uma das saídas seria a descentralização das atividades no Plano Piloto, utilizando - se um modelo alternativo, com centros realmente satélites e com alto poder de absorção da mão-de-obra local.

Esses são alguns dos temas abordados no trabalho do professor Aldo Paviani, do Departamento de Geografia e História da Universidade de Brasília, apresentado ao Simpósio "A Crise nas Cidades", no 4º Encontro Nacional de Geógrafos, no Rio de Janeiro, sob o título "Brasília - vinte anos - crise e alternativas".

Em entrevista ao **Correio Braziliense**, o professor Aldo Paviani falou das perspectivas do processo de urbanização do Distrito Federal, da excessiva concentração dos serviços no Plano Piloto, concebido para ser a cidade o Plano Piloto, vem funcionando como o centro da cidade -, bem como a sua percepção na evolução, estruturação e organização interna e sobre o documento apresentado no simpósio. Dá também a sua opinião de habitante desta cidade. Ele abre a sua entrevista falando do processo e da pressão do mercado imobiliário que levaram milhares de brasilienses para a periferia da cidade.

- O próprio mercado imobiliário se encarrega de valorizar uns pontos e desvalorizar outros. A própria idade da cidade vai tornando obsoletos certos equipamentos, certos edifícios. Então ocorre a modificação nos estratos sociais dos que habitam aqueles locais. Mas, de modo geral, o que tem havido é uma expulsão do Plano Piloto, em razão do próprio mercado imobiliário e do esgotamento das possibilidades de morar no Plano Piloto. Eu acredito, inclusive, que isso aí vai piorar na medida em que o Plano Piloto acabar com as construções para fins habitacionais. Ou, então, vai ocorrer também o que o mercado imobiliário inventou: trazer de volta os que se mudaram. Mas apenas para apartamentos menores, de mais baixo preço. Unidades menores e de menor número de aposentos, maior número de apartamentos por blocos, quer dizer, para quem puder pagar".

PLANEJAMENTO

No seu trabalho, o senhor afirma que a cidade fugiu ao planejamento. Em que determinado ponto isto aconteceu?

- "Acho que desde o início. Porque houve, no meu entender, uma grande preocupação com o traçado físico da cidade. Não sei se foi um desconhecimento da realidade migratória. Por exemplo: tentou - se traçar a cidade sob um ângulo espacial. E toda a parte social que devia respeitar o regional e o nacional talvez tivesse sido minimizada. Se, por parte dos planejadores, tivesse havido um maior consenso de que se iniciando uma cidade haveria uma realimentação das correntes migratórias que aqui se estabeleceram, quer dizer, toda a leva de migrantes que por aqui procuravam oportunidades de trabalho, então, nesse momento, não se deram conta de que o afluxo da população foi superior às possibilidades, até temporais, de se implementar para a cidade habitações condignas para todos os que aqui chegavam. Então, se a grande preocupação foi a preocupação de construir a cidade para um certo futuro, houve uma certa despreocupação ao construir a cidade para o presente, para o momento em que ela estava sendo construída. Quando digo que ela escapou ao planejamento não vai aí nenhuma crítica pejorativa da coisa. Haveria de escapar de qualquer maneira quando se minimizaram as forças desencadeadas na atração migratória. O fluxo foi totalmente superior à capacidade de se absorver essa população de forma social. Eu acho que ela fugiu ao planejamento exatamente por questões da época, porque há dois Brasis: um anterior e outro posterior a Brasília, que, aliás, é contemporânea da indústria automobilística, também minimizada na época, porque estava jogando no mercado os primeiros automóveis. O resultado disso foi escapar ao próprio traçado físico".

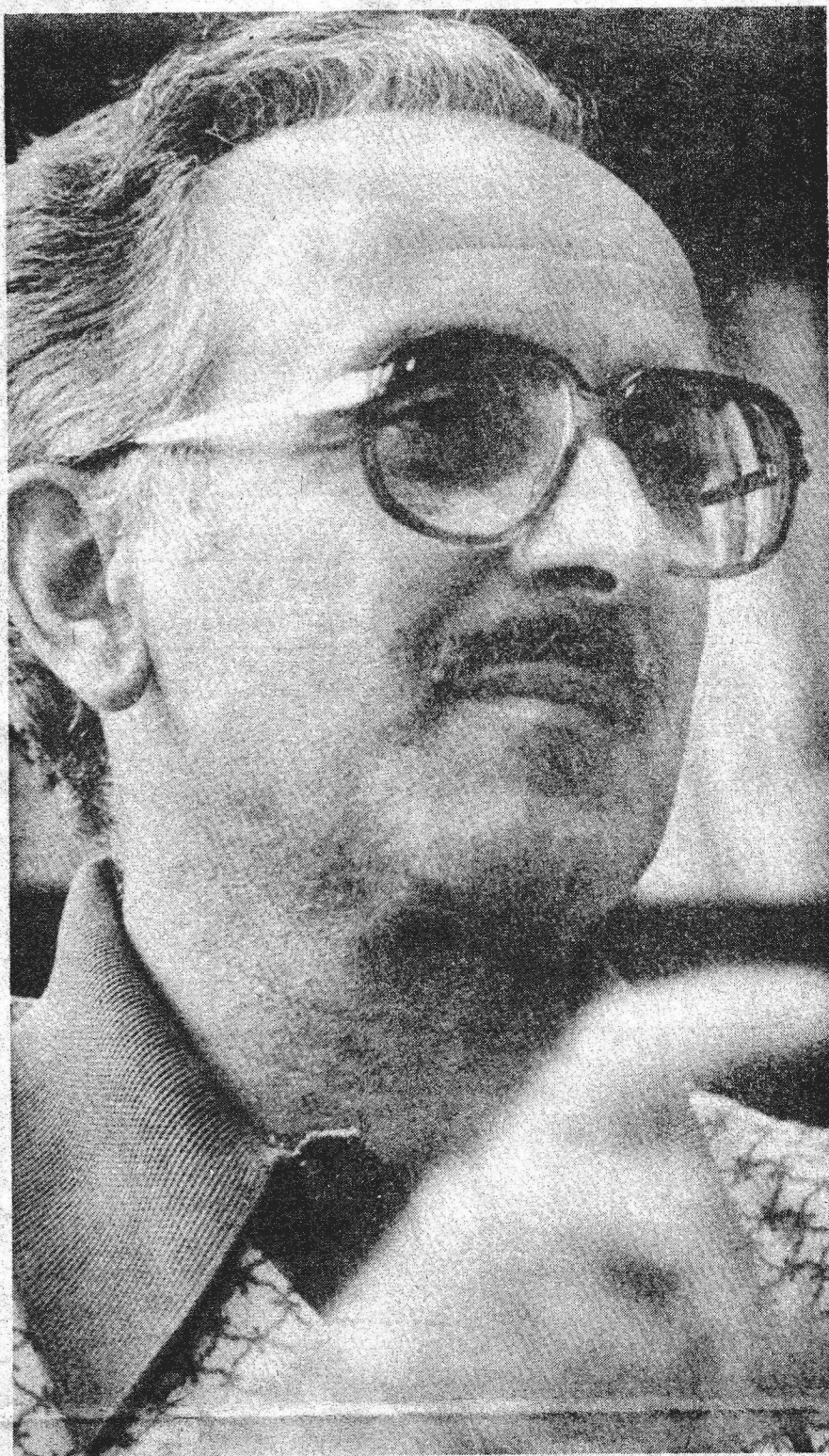
POLINUCLEAR

Qual o problema principal que o senhor ressaltaria hoje?

- "O problema que eu coloco hoje, face, inclusive, à vertiginosa subida dos preços dos combustíveis, é o modelo que se cria para a cidade do tipo polinuclear. Uma vez que esta não é uma cidade concebida como **mancha**, porque o Plano Piloto foi fechado e não recebe agregados, como bairros, então a saída foi polinuclear a cidade, com distâncias que recaem com seus altos custos nas populações periféricas quanto ao seu deslocamento. Então passa-se a ter algum grau de subvenção em cima do veículo, em cima da passagem para que a população possa se deslocar ao trabalho, para obter bens de serviço. O que é crucial e vai gerar crises, sem dúvida nenhuma, é o modelo polinuclear da cidade, com bairros muitas vezes dormitórios, espacialmente dispersos".

CONCENTRAÇÃO

- "Vejo também um problema nisso



Paviani: esqueceram o social no traçado

que seria o dos bairros de população trabalhadora, de sua população depender exclusivamente dos empregados localizados no Plano Piloto. Eu vejo crises e vejo alternativas. Se, de um lado, a crise é essa, a alternativa seria tentar redimensionar o aspecto social de emprego, em vez de estimular qualquer centralização. Eu não vejo por que uma cidade-satélite não possa ter estímulos, uma vez que ela tem uma população de 150 mil habitantes, como algumas cidades - satélites. Deve - se estimular serviços que não dependam exclusivamente de estar no Plano Piloto, ter um novo conglomerado. A cidade voltada para os serviços, as cidades-satélites, chamadas assim, ao menos elas poderiam abrigar esses serviços e dar empregos, minimizando problemas de custos de transportes e de infra-estrutura de veículos. Isso, de um lado. Do outro, resolveria essa parte de uma alta dependência da periferia quanto ao centro. Porque isso agrava as desigualdades internas. Todos os empregos estão aqui no centro. Quem tem a melhor renda pega menos condução para trabalhar, porque já está morando perto do emprego, enquanto aqueles que ganham menos, pagam mais para se deslocar. Aqui também estão as pessoas de maior poder aquisitivo, e elas atraem as pessoas subempregadas, de mais baixa qualificação, para exercerem uma profissão que é tida como ilegal, que seriam os biscateiros, saída para aqueles que não encontram empregos em suas localidades. E, principalmente agora, nós temos um quadro dramático face ao desaquecimento da construção civil, prejudicando, sobremaneira, os que dependem dos serviços localizados no centro, ou seja, o Plano Piloto".

O que deveria ser feito, de imediato, para deter esse processo em curso?

- "Eu acho que não se trata apenas de medidas de ordem governamental. Eu acho que a estruturação do espaço de Brasília a partir do ano de 1970, essa data é uma referência, tanto é responsável pelo processo de polinucleamento, como também é o setor público, como também é o maior responsável o setor privado, quando ele procura mais os seus interesses, estabelecendo - se no centro, ao invés de procurar uma descentralização, talvez com grandes benefícios para eles, se pegarem uma mão-de-obra mais acessível, digamos assim, já que as cidades-satélites estão servindo de dormitórios. Vejo aí uma questão de toda uma coletividade, não apenas do governo, tentar uma saída. Se persistir, será o aumento da pobreza, porque aqueles que moram mais longe são penalizados, têm mais dificuldades no acesso ao trabalho. Eles se encontram não só mais distantes fisicamente, mas distantes do ponto de vista operacional. São jogados na periferia. Tudo isto está acontecendo porque o Plano Piloto deveria ser a cidade e ele está funcionando, passando a funcionar como o centro da cidade. Quer dizer, vamos desembocar num ponto que vai ficar extremamente pesado para o governo manter essa estrutura, e também para aqueles que

pagam passagens. O modelo alternativo seria tentar jogar nessas cidades-satélites, a exemplo do que está se tentando fazer na periferia de Paris, centros realmente satélites com alto poder de absorção da mão-de-obra local".

EXCEÇÃO

Brasília tem hoje 20 anos. No entanto, ela passou 15 anos de sua vida num regime de exceção. O que esse período pode ter contribuído para as suas distorções?

- "Eu acredito que mesmo no período de Juscelino, quer dizer, em plena democracia, o modelo fechado, isto é, não permitindo o acesso dos brasilienses ao voto, tenha sido uma realidade copiada de outras capitais mundiais, tipo Washington, onde o voto do local não era tido para representação a nível de ter uma Câmara. Eu acredito que esse tenha sido o grande problema de inventar uma maneira, independente de ter havido período de exceção ou não, mas de inventar uma maneira de, por parte de uma população de um milhão e duzentos mil habitantes, digamos que a metade vote, escolher os seus representantes. Eu acredito que Brasília poderia perfeitamente ter representantes na Câmara Federal. Não vejo também por que esta cidade, não engendre um mecanismo próprio em que as decisões sirvam a toda a comunidade. Muitas das coisas que ocorreram no passado, não passaram até recente, poderiam ter sido evitadas se dependessem de consultas aos representantes, cujas decisões pesassem perante o seu eleitorado".

Brasília é uma cidade de difícil adaptação?

- "Bem, acredito que se fosse morar em São Paulo, eu não me adaptaria bem à cidade. Aí teriam dois problemas: um que é de ordem psicológica, ter no traçado físico amplos espaços com os quais a maior parte das pessoas que vêm dos grandes centros, não está mais habituada. Aí se tem as maiores dificuldades, por exemplo, dos agregados sociais tremendamente dispersos por áreas muito isoladas, você não tem convívio, pontos de referência. Eu até combato a idéia de que Brasília não tem esquinas. Para quem quiser, qualquer lugar de Brasília é a sua esquina, seja ela no Setor Comercial ou no clube. Aliás, acho também que os clubes são responsáveis pela cidade ainda não ter, exatamente nela, dentro dela, pontos de encontros maiores e porque outros administradores não deram praças condizentes como se tem em outras cidades. Tem também outro aspecto: as pessoas não se enquadram nesses espaços abertos para não se manifestar, para não ir ao encontro das oportunidades que se ensejam, como também é difícil você se deslocar, a não ser com o próprio veículo, porque não há transporte de massas a nível de entrequadradas, no sentido leste-oeste. Eu vejo Brasília como uma cidade igual às outras. Ela atrai a população da região e ainda não estruturou a sua própria região".